

O preto, o pobre, a mulher

Essa é uma sociedade
Sem sentido ou razão
Onde o ser é ignorado
Para o ter ser exaltado

Cada roupa costurada
Para um rico desfilar
É uma função mal pagada
Pra o pobre não definhar

Mesa servida com fartura
Pra serviçal é uma tortura
E os doze pratos usados
Numa mesma refeição

São sempre lavados
Pela mesma pessoa então
A velha, a preta, a pobre
E se ela morre?

“Poxa que pena”
Mas tem outra a venda
E os filhos do patrão,
Pra eles é diversão

A preta, a pobre, a puta,
“Foi ela que pediu”
De 1500 pra cá,
pouca coisa mudou.

A história é a mesma
Só o formato atualizou.
E como era no engenho
Segue-se o mesmo desdenho.

Na universidade
Chega nem meia parte
Foi quem mereceu?
Nem sempre, em geral, foi quem escolheu.

Escolheu estudar,
porque queria, porque podia
Porque o pobre, preto, a mulher,
Não tinha escolha, tinha que ter algo na colher.

O trabalho que ninguém quer,
Que é desprezado,
A quem por pouco é dado?
Quem a ele é selecionado?
O preto, o pobre, a mulher.

E o nome do gari, do faxineiro?
Do garçom e do pedreiro?
Da cozinheira e da diarista?
Do preto, do pobre, da mulher?
O nome? Cê sabe qual é?

Sem direito a nome,
Nem identidade
Pouco importa a idade,

Do preto, pobre, mulher

Jogados ao acaso do descaso,
Não podem sonhar com viagens
Lutando pra só existir,
O preto, o pobre, a mulher

O preto, o pobre, a mulher
O preto, o pobre, a mulher
O preto, o pobre, a mulher